

TRADUÇÃO COMENTADA DE UMA CARTA INÉDITA DE ELLEN G. WHITE À LUZ DO MOVIMENTO HERMENÊUTICO DE STEINER

Liliana Xiomara Caro Nino¹
Talita Paim Veloso de Castro²
Milton Luiz Torres³

Resumo

George Steiner (1929-2020) foi uma figura imponente nas ciências humanas, que conseguiu conectar literatura, filosofia e pensamento judaico. Sua abordagem interdisciplinar e erudição o tornaram famoso e controverso. Seu livro *After Babel* [Depois de Babel] (1975) defende que a tradução é fundamental para a comunicação humana, interpretando a história bíblica de Babel como uma metáfora para a fragmentação linguística e propondo o Movimento Hermenêutico, uma teoria de quatro passos, para a transferência de significado entre línguas. O objetivo principal deste trabalho foi aplicar o modelo tradutório de Steiner à tradução da última carta descoberta de Ellen G. White, pioneira da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Outros objetivos incluem o estudo do contexto da carta e a divulgação do modelo de tradução do Movimento Hermenêutico, de Steiner. Para isso, comentamos partes selecionadas da carta inédita e a elas aplicamos os quatro movimentos de Steiner. Também discutimos alguns desafios tradutórios no domínio das especificidades do Movimento Hermenêutico.

Palavras-chave: Ellen G. White; George Steiner; movimento hermenêutico; tradução comentada; teoria da tradução.

Editores científicos: Flávio Prestes Neto e Eduardo Rueda Neto

Organização: Comitê Científico

Double Blind Review pelo SEER/OJS

Recebido: 01/07/2025

Aprovado: 31/07/2025

¹ Licenciada em Letras-Inglês e bacharela em Tradutor e Intérprete pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). Atua profissionalmente na Accor Applications & Loading Americas, São Paulo, Brasil. E-mail: laboral.xiommy@gmail.com

² Pós-graduada em Neurociência, licenciada em Letras-Inglês e Letras-Português e bacharela em Tradutor e Intérprete pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), é professora de língua inglesa no programa bilíngue do Colégio Adventista de Blumenau, Santa Catarina. E-mail: talitapaimveloso@gmail.com

³ Doutor em Arqueologia Clássica pela Universidade do Texas, Austin, EUA; doutor em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil, é diretor da Greater Boston Academy, em Boston, EUA. É membro do GEAN – Grupo de Estudo da Antiguidade, do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: mtorres@gbaedu.org



Como citar: NINO, L. X. C.; CASTRO, T. P. V.; TORRES, M. L. Tradução comentada de uma carta inédita de Ellen G. White à luz do movimento hermenêutico de Steiner. *Kerygma*, Engenheiro Coelho, v. 20, n. 1, p. 01-38, e2017, 2025. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v20.n1.pe2017>

COMMENTED TRANSLATION OF AN UNPUBLISHED LETTER BY ELLEN G. WHITE IN THE LIGHT OF STEINER'S HERMENEUTIC MOVEMENT

Abstract

George Steiner (1929-2020) was a towering figure in literature, who managed to connect literature, philosophy, and Jewish thought. His interdisciplinary approach and erudition made him famous and controversial. His book *After Babel* (1975) argues that translation is fundamental to human communication, interpreting the biblical story of Babel as a metaphor for linguistic fragmentation and proposing the Hermeneutic Movement, a four-step theory for transferring meaning between languages. The main objective of this article is to apply Steiner's translation model to the translation of the last discovered letter of Ellen G. White, a pioneer of the Seventh-day Adventist Church. Other objectives include studying the context of the letter and forestalling Steiner's Hermeneutic Movement. To achieve that goal, we offer comments on selected parts of the unpublished letter and apply Steiner's four movements to them. We also discuss a few translation challenges in the domain of the specificities of the Hermeneutic Movement.

Keywords: Ellen G. White; George Steiner; hermeneutic movement; commented translation; translation theory.

TRADUCCIÓN COMENTADA DE UNA CARTA INÉDITA DE ELENA G. DE WHITE A LA LUZ DEL MOVIMIENTO HERMENÉUTICO DE STEINER

Resumen

George Steiner (1929-2020) fue una figura imponente en las ciencias humanas, que logró conectar literatura, filosofía y pensamiento judío. Su enfoque interdisciplinario y erudición lo hicieron famoso y controvertido. Su libro *After Babel* [Después de Babel] (1975) sostiene que la traducción es fundamental para la comunicación humana, interpretando la historia bíblica de Babel como una metáfora de la fragmentación lingüística y proponiendo el Movimiento Hermenéutico, una teoría de cuatro pasos, para la transferencia de significado entre lenguas. El objetivo principal de este trabajo fue aplicar el modelo traductológico de Steiner a la traducción de la última carta descubierta de Elena G. de White, pionera de la Iglesia Adventista del Séptimo Día. Otros objetivos incluyen el estudio del contexto de la carta y la difusión del modelo de traducción del Movimiento Hermenéutico de Steiner. Para ello, comentamos partes seleccionadas de la carta inédita y a ellas aplicamos los cuatro



movimientos de Steiner. Asimismo, discutimos algunos desafíos traductológicos en el ámbito de las especificidades del Movimiento Hermenéutico.

Palabras clave: Elena G. de White; George Steiner; movimiento hermenéutico; traducción comentada; teoría de la traducción.

INTRODUÇÃO

Todo tipo de escrita que visa a um destinatário pode ser chamado de epístola. O termo foi usado na antiguidade e ficou mais popular na literatura quando textos colecionados do Novo Testamento foram classificados como epístolas. Epístola e carta não são a mesma coisa, embora não haja consenso quanto à diferença entre elas. De modo geral, considera-se que a primeira depende de certa elaboração artística e contém figuras de linguagem, enquanto a segunda normalmente relata fatos de natureza pessoal. Mário de Andrade e Manuel Bandeira, por exemplo, gostavam de escrever cartas. Há, além deles, importantes poetas e escritores da antiguidade (como Horácio, Varrão, Plínio, Ovídio e Cícero) que escreveram epístolas. As cartas e as epístolas têm papel importante em termos literários (Torres, 2023, p. 114-119). De fato, a crítica genética considera a epistolografia um “canteiro de obras” ou “ateliê” e tem como objetivo revelar “a trama de invenção, o desenho de um ideal estético, quando examina as faces do processo de criação” (Moraes, 2007, p. 31).

O processo de produção de uma carta envolve múltiplos aspectos, pois recorre a uma escrita pragmática, diferida no tempo e produzida entre espaços distintos, que também é direcionada; ou seja, exige a possibilidade da resposta do destinatário para completar seu ciclo de sentido. Antes da aparição da imprensa escrita, cartas e epístolas desempenhavam, por isso, uma função indispensável, já que tinham papel semelhante ao que um jornal tem atualmente. Elas podem ser, porém, mais que um elemento de informação. A prática epistolar tem contribuído para o enriquecimento da literatura, pois “o interesse epistolográfico é de significação muito especial, na medida em que propicia um jogo interessantíssimo de identificações e contradições, reveladas no conteúdo das cartas” (Mendes, 2012, p. 7-8).

O objetivo principal deste trabalho foi aplicar o modelo de tradução do Movimento Hermenêutico, de George Steiner, à tradução da última carta encontrada de Ellen G. White, dirigida ao Sr. Corliss. Outros objetivos incluem o estudo do contexto da carta e a divulgação do modelo de tradução do Movimento



Hermenêutico, de George Steiner, razão pela qual optamos por não nos atermos aos modelos de tradução que outros estudiosos propuseram.⁴ Além disso, pretendemos comentar partes selecionadas da carta inédita e a elas aplicar os quatro movimentos de Steiner. Por último, procuramos discutir aspectos pertinentes aos desafios tradutórios no domínio das especificidades do Movimento Hermenêutico.

A obra que motivou a escolha do método hermenêutico foi o livro *After Babel* [Depois de Babel], de George Steiner, que contém um modelo de tradução que se fundamenta na hermenêutica, que teve seu início entre os séculos 18 e 19, época dos românticos alemães como Von Humboldt e Schleiermacher. Munday (2001, p. 163) ressalta a importância do livro como “a principal referência moderna para a hermenêutica da tradução”. A obra, primeiramente publicada em 1975, teve outras edições em 1992 e 1998. Nela, Steiner se preocupa inicialmente com a psicologia do tradutor. Em seguida, discorre sobre a interpretação do significado das palavras no processo de tradução.

O livro foi escrito em um contexto difícil, pois Steiner estava isolado da comunidade acadêmica. No entanto, para ele, essa exclusão foi positiva, pois o ajudou a produzir uma obra inédita. De acordo com Steiner (2005, p. 11-12),

Não tinha havido [...] antes de nosso livro, um esforço amplo para relacionar, para trazer sob um foco interativo, as diversas áreas da retórica, da história e da crítica literárias, da linguística e da filosofia linguística. Não tinha havido qualquer tentativa ordenada e detalhada de localizar a tradução no centro da comunicação humana ou de explorar as maneiras como as restrições sobre a traduzibilidade e as potencialidades de transferência entre línguas atraem, no nível mais imediato e saturado, a investigação filosófica sobre a consciência e sobre o significado do significado [sic].

Steiner foi corajoso ao fazer estudos relacionando a poética à tradução. As críticas do meio acadêmico ao livro partiram do medo dos acadêmicos de sua tentativa de fazer uma conciliação entre “interesses filosóficos, sensibilidade poética e a linguística num sentido mais técnico e formal” (Steiner, 2005, p. 12). De

⁴ Apesar de bastante conhecido, preferimos não aplicar à tradução da carta o modelo linguístico-cultural de Eugene Nida (1964; 1969), que enfatiza a importância da equivalência dinâmica no processo de tradução e prioriza a compreensão natural do público-alvo em detrimento da estrita precisão literal, pois argumenta que uma tradução eficaz transmite o significado, o tom e a intenção do texto original de uma forma que ressoe cultural e linguisticamente com os leitores, sendo que distingue entre equivalência formal (tradução palavra por palavra) e equivalência dinâmica (tradução pensamento por pensamento) e favorece esta última pela clareza e legibilidade.



fato, o livro “continua sendo para os linguistas acadêmicos, para aqueles que teorizam sobre a tradução ou alegam ensiná-la, um ato irritante e anárquico de um intruso”, pois a obra “continua sendo [...] um escândalo ou um *monstrum* que as guildas da erudição linguística e a filosofia linguística e analítica vão preferir desprezar” (Steiner, 2005, p. 13).

O livro apresenta muitos conceitos que são “mal compreendidos ou ameaçadores”, um deles sendo o postulado de que a tradução se encontra subentendida no ato da comunicação e no significado das palavras, pois não é algo que só acontece entre línguas diferentes, mas também ocorre dentro de uma única língua (Steiner, 2005, p. 13-14). Dessa forma, “os meios e problemas estruturais do ato de traduzir estão integralmente presentes nos atos de fala, de escrita ou de codificação pictórica no interior de qualquer língua dada”; portanto, o que ocorre na tradução entre línguas diferentes é um reflexo do modelo utilizado na tradução em uma comunicação “monoglota” (Steiner, 2005, p. 14).

Para ressaltar a importância das línguas, Steiner (2005, p. 16) diz que

Quando uma língua morre, um mundo possível morre com ela. Não há aqui nenhuma sobrevivência do mais adaptado. Mesmo quando falada por um pequeníssimo grupo, por devastados remanescentes de comunidades destruídas, uma língua contém em si o potencial ilimitado de descoberta, de recomposições da realidade, de sonhos articulados que conhecemos como mitos, como poesia, como conjectura metafísica e o discurso da lei.

Por isso, a obra denuncia a supremacia das línguas majoritárias em relação àquelas que estão desaparecendo, o que decorre das “relações econômicas, da tecnocracia e da mídia” (Steiner, 2005, p. 16). Diante dessas diferentes perspectivas sobre as línguas, Steiner (2005, p. 16) conclui que “a indispensabilidade psíquica da prodigalidade de línguas diferentes na humanidade não foi ainda apreendida e defendida” e ressalta que esse assunto “é central em *After Babel*”.

Steiner (2005, p. 17) também explica por que não usa o termo “teoria” em seu livro: nas ciências exatas e aplicadas, as teorias estão sujeitas a muitos testes e são refutáveis; no entanto, isso não acontece nas ciências humanas e nas letras. Os experimentos não validam nem refutam as reflexões filosóficas e as produções artísticas. Nas “disciplinas intuitivas” que apresentam o caráter subjetivo que caracteriza as ciências humanas e as letras, “nenhum paradigma ou sistema de



opinião anula qualquer outro”; por isso, não é adequado utilizar o termo teoria “na poética, na hermenêutica, na estética (e também [...], nas ciências sociais)”, sendo que “não há nenhuma ‘teoria da tradução’” e o que existem “são descrições razoáveis de processos”, pois “a tradução [...] nada ganha com diagramas e fluxogramas (matematicamente) pueris apresentados por supostos teóricos”, uma vez que ela “é e sempre será o que Wittgenstein chamou de ‘uma arte exata’” (Steiner, 2005, p. 17). Assim, o Movimento Hermenêutico não utiliza a palavra teoria, pois ele é apenas “a narrativa de um processo” que decorre da experiência do tradutor (Steiner, 2005, p. 18).

Por fim, Steiner (2005, p. 19) diz que seu livro “aspira alcançar os filósofos da linguagem, os historiadores das ideias, os especialistas em poética, nas artes e na música, os linguistas e, obviamente, os tradutores”. No entanto, ele também se dirige aos leitores comuns, amantes da linguagem, ou “a qualquer um que dá vida à linguagem e que sabe que o ocorrido em Babel foi tanto um desastre quanto (e essa é a etimologia da palavra desastre) uma chuva de estrelas sobre o ser humano” (Steiner, 2005, p. 19)

O livro *After Babel* “introduziu muitos não especialistas à teoria da tradução” e, além disso, influenciou muitos tradutores a acreditarem que não é necessário domesticar uma tradução para que seja considerada boa (Munday, 2001, p. 167). A obra de Steiner recebe, por outro lado, algumas críticas, a principal das quais é que Steiner recorre à gramática gerativo-transformacional de Chomsky “como suporte para uma visão universalista da linguagem” e para “uma teoria abrangente da tradução”, coisas que “agora parecem ultrapassadas” (Munday, 2001, p. 167). Steiner também foi criticado por teóricos feministas da tradução, por falar da “penetração” como parte do segundo movimento de seu modelo de tradução. No entanto, Munday (2001, p. 167) ressalta que, “apesar das críticas, o livro de Steiner continua sendo uma importante contribuição para a hermenêutica e para a teoria da linguagem da tradução literária”.

Segundo Steiner (2005, p. 317), o Movimento Hermenêutico é “o ato de extração e transferência apropriadora do significado”, consistindo de quatro estágios. O primeiro deles é a confiança inicial. A confiança se refere à crença de que há algo no texto original para ser extraído, compreendido e traduzido. A motivação do tradutor para continuar sua tarefa é o incentivo social: o fato de outros



já terem traduzido determinado texto mostra que “eu” também posso traduzi-lo. O segundo movimento é a agressão, que dirige nossa atenção para a compreensão como ato “inerentemente apropriador e, portanto, violento” (Steiner, 2005, p. 318). O conteúdo original só passa a existir quando é compreendido e traduzido. Nesse movimento, “o tradutor invade, extorque e traz para casa” (Steiner, 2005, p. 318-319). No terceiro movimento, o da incorporação, o “significado e a forma” do texto original são importados. Ao incorporar o significado do texto original no traduzido, pode ocorrer uma domesticação ou um estranhamento. No entanto, “qualquer que seja o grau de ‘naturalização’, o ato de importação pode potencialmente deslocar ou relocar o todo da estrutura nativa” (Steiner, 2005, p. 320). Portanto, na incorporação do significado do original na tradução, sempre haverá modificações. Tais mudanças ocorrem devido ao fato de que “somos o que compreendemos ser”, pois “nossa próprio ser é modificado pelas ocorrências de apropriação compreensiva” (Heidegger *apud* Steiner, 2005, p. 320). O quarto movimento é o da compensação ou reconstituição. Após todos os processos anteriores, “retornamos ao lar repletos e, portanto, desbalanceados, havendo causado desequilíbrio por todo o sistema ao retirar do ‘outro’ e somar ao nosso — embora possivelmente com consequências ambíguas”. Portanto, há a necessidade de compensar esse desequilíbrio que a apropriação do significado do original causa. “O estabelecimento de reciprocidade para reconstituir o equilíbrio é [...] a base moral da tradução” (Steiner, 2005, p. 321). Portanto, com base nessas proposições, questiona-se aqui: como a aplicação do modelo do Movimento Hermenêutico de Steiner pode ajudar a elucidar aspectos importantes na tradução de uma carta recentemente encontrada de Ellen G. White?

Ellen G. White foi uma escritora de grande importância. Estima-se que escreveu mais de cem mil páginas a mão, o que equivale a 25 milhões de palavras. Nenhuma outra mulher na história conseguiu escrever tantos livros, que foram publicados em tantas línguas, como Ellen G. White (Schaefer, 1990, p. 87-88). Seus escritos abrangem vários tópicos: religião, educação, saúde, relações sociais, entre outros. Além de livros, Ellen também escreveu muitas cartas. Sua última carta encontrada foi descoberta no início de 2019, no acervo do Pacific Union College, na Califórnia, local próximo à última residência de Ellen G. White em Elmshaven. A carta é endereçada ao Sr. Corliss e foi escrita na cidade de Hanford em 9 de maio de 1882 (Clair, 2019). Esse exemplo pode demonstrar a existência de outras cartas ou



documentos escritos por ela que sejam desconhecidos pelos órgãos oficiais da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) até o momento presente. Em vista disso, como foi descoberta recentemente, fizemos uma tradução comentada da carta, à qual aplicamos o modelo do Movimento Hermenêutico de George Steiner, que é um dos grandes teóricos da linha de tradução filosófica, junto com Ezra Pound e Jacques Derrida (Munday, 2001, p. 162-167).

A metodologia utilizada neste trabalho foi a tradução comentada, conforme definida por Nord (2005) e Relvão (2010), como uma oportunidade de reflexão em torno de palavras, expressões e frases que suscitam uma análise mais cuidada durante um processo de tradução. Trata-se de comentários à tradução que surgem em notas de rodapé, acompanhando o texto, sendo que merecem especial atenção as situações que decorreram de dificuldades e problemas de tradução, isto é, um conjunto de situações específicas que Nord (2005) designa como “problemas, obstáculos de ordem cultural, que se colocam comumente ao tradutor e requerem um procedimento concreto” com vistas a “oferecer ao leitor um enunciado que, simultaneamente, respeite o texto de partida e cumpra a sua função”, pois tratam de “questões que invariavelmente o tradutor enfrenta e em relação às quais, ao longo de uma tarefa de tradução, terá de ser coerente”: problemas de ordem pragmática, “que se colocam ao nível do horizonte de conhecimentos do leitor e exigem do tradutor um esforço de adaptação do texto de partida a uma nova realidade linguística e cultural”; problemas decorrentes das convenções culturais, “que dizem respeito à especificidade cultural de cada língua em causa no processo de tradução”, e que desafiam a capacidade do tradutor de “reinventar o texto de acordo com as convenções da língua de chegada”; problemas linguísticos propriamente ditos; e, por último, problemas específicos do texto de partida, que, “não sendo classificáveis num dos âmbitos anteriores, são motivados pelo caráter peculiar do texto, em certos casos especiais” (Nord, 2005, p. 174-176).

DEPOIS DE BABEL

No capítulo 1 (Steiner, 2005, p. 27-73), “A compreensão como tradução”, do livro *Depois de Babel*, Steiner analisa trechos de algumas obras e peças teatrais em inglês. Em sua análise, descreve as dificuldades de compreensão do significado desses textos, que até mesmo os falantes naturais da língua-fonte enfrentam,



impostas pelo estilo de escrita de cada autor. Essas dificuldades dizem respeito ao contexto histórico da escrita e a fatores sintáticos, gramaticais, lexicais e semânticos. Suas considerações a partir desses textos mostram que “qualquer leitura abrangente de um texto do passado escrito na própria língua do leitor e pertencente a sua literatura é um complexo ato de interpretação”, pois “a língua se altera a cada momento observado no tempo” (Steiner, 2005, p. 43-44). Para sustentar essa afirmação, Steiner (2005, p. 44) diz que “o tempo e a língua, na medida em que nós os experienciamos e ‘percebemos’ em progressão linear, estão intimamente relacionados: ambos se movem e a flecha nunca está no mesmo lugar”. Sendo assim, um texto é uma “estrutura diacrônica”, pois “está inserido num tempo histórico específico” (Steiner, 2005, p. 50). Segundo Steiner (2005, p. 51), para compreender um texto é imprescindível conhecer a “história da língua em questão”, “dominar o contexto espacial e temporal” em que está inserido, conhecer bem o autor e ter “intimidade” com sua obra. Para Steiner (2005, p. 53), “quando lemos ou ouvimos qualquer enunciado verbal do passado [...], nós traduzimos. Leitor, autor, editor são tradutores de eventos linguísticos fora de sua época”. Como o objetivo da tradução é transmitir uma mensagem que passa de uma língua de saída para uma língua de chegada por meio de um processo transformador, tal processo também ocorre no interior da própria língua.

Conforme Steiner (2005, p. 54), na tradução, “a barreira do tempo pode ser mais recalcitrante do que aquela da diferença linguística”, pois “as palavras raramente têm marcas externas de alterações semânticas, elas sinalizam sua história somente num contexto inteiramente estabelecido”. Ele ainda ressalta que “a tradução diacrônica dentro da própria língua” é um processo inconsciente, mesmo sendo feito tantas vezes, e sua “complexidade formal” ou “o papel decisivo que ela exerce na própria existência da civilização” são características raramente observadas. De acordo com Steiner (2005, p. 56), além do “eixo diacrônico (vertical)”, a língua também possui um “eixo sincrônico (horizontal)”, que se refere ao contexto do espaço no qual a língua está inserida. “Se a cultura depende da transmissão de significados ao longo do tempo [...], ela depende também da transmissão de significados no espaço”. Esses dois eixos estão presentes na “tradução interna” (Steiner, 2005, p. 56). O espaço em que a língua está presente, está relacionado com as classes sociais, os grupos étnicos, “o *status social*, os valores, a



atividade profissional, a idade e o sexo" (Steiner, 2005, p. 57). Steiner (p. 72-73) conclui que, seja entre línguas diferentes ou dentro de uma única língua, "a comunicação humana é igual à tradução"; sendo assim, "a complexidade e o espectro de implicações" da tradução existem desde que o ser humano começou a falar.

No capítulo 2 (Steiner, 2005, p. 77-134), "Linguagem e gnose", Steiner (2005, p. 77) levanta a questão do surgimento da diversidade das línguas, e diz que esta "é uma das questões mais centrais do estudo da evolução cerebral e social da humanidade". Os estudos antropológicos revelam que a anatomia, a genética e os processos vitais do ser humano são "essencialmente idênticos" (Steiner, 2005, p. 78). A partir disso, indaga por que "essa espécie mamífera uniforme, embora individualmente única, não usa uma única língua em comum", pois, "à luz de universais anatômicos e neurofisiológicos, uma solução linguística unitária seria facilmente compreensível" (Steiner, 2005, p. 78). Conforme Steiner (2005, p. 80), um estudo da tradução não pode ser feito sem que as circunstâncias que a tornaram necessária sejam consideradas. Ele diz que, quando se trata de tradução, "é preciso primeiro considerar os possíveis significados de Babel, seus efeitos sobre a linguagem e sobre a mente", e adiciona que "não há civilização que não tenha sua versão de Babel, sua mitologia da dispersão primeva das línguas" (Steiner, 2005, p. 80-84).

Para Steiner (2005, p. 86), Babel foi uma segunda queda de Adão, pois foi "proscrita" aos seres humanos "a certeza de serem capazes de aprender e comunicar a realidade". Ele também questiona quais seriam os "primeiros estilhaços" da língua de Adão, e diz que, se fossem identificados, neles seriam descobertos "traços lexicais e sintáticos da língua perdida do Paraíso [...] cuja reconstrução [...] conduziria os seres humanos de volta à gramática universal de Adão" (Steiner, 2005, p. 87). Segundo ele (Steiner, 2005, p. 88), "a fala real de Deus", o idioma conhecido por Adão e pelos seres humanos que viveram antes de Babel, "pode ainda ser decifrada nas camadas profundas do hebraico e em outras línguas da dispersão inicial". Em seguida, Steiner (2005, p. 88-89) afirma que, "em muitos pontos a gnose linguística toca em temas decisivos de uma teoria racional da linguagem e da tradição", sendo que "numerosos elementos da especulação gnóstica, frequentemente remetendo ao hebraico, são evidentes na grande tradição da filosofia europeia da linguagem". Para Steiner (2005, p. 89), "há uma compreensão aguçada, essencial para qualquer tratamento da comunicação entre línguas ou no interior de uma língua, dos meios



pelos quais um texto pode ocultar mais do que transmite”. Ele ainda diz que, em Spinoza, há um “senso claro [...] da natureza numinosa e problemática da vida dos seres humanos na linguagem”. No século 18, as “imaginosas elaborações gnósticas murcharam”; no entanto, elas foram encontradas novamente “mudadas em padrão e metáfora, no trabalho de três escritores modernos” (Steiner, 2005, p. 90), que Steiner (2005, p. 90-99) identifica como Walter Benjamin, Kafka e Pierre Menard. No entanto, o “misticismo da linguagem” entrou em vigor no “moderno estudo linguístico racional” através de Leibniz e J. C. Hamann (Steiner, 2005, p. 100). A teoria linguística estuda, então, a questão de a tradução, especialmente entre duas línguas, ser possível ou não, sendo que a filosofia da linguagem busca uma resposta para essa questão com base em dois pontos de vista radicalmente opostos: o universalismo e o monadismo (Steiner, 2005, p. 100).

O universalismo afirma que “a estrutura subjacente da linguagem é universal e comum a todos os seres humanos”, sendo que as “diferenças entre as línguas humanas são essencialmente de superfície”; portanto, “traduzir é ultrapassar as disparidades exteriores de duas línguas para ativar seus princípios análogos e, no devido nível de profundidade, comuns”; enquanto a visão monadista defende que “as estruturas profundas universais ou são insondáveis pela investigação lógica e psicológica ou são de uma ordem tão abstrata e tão genérica que se tornam quase triviais” (Steiner, 2005, p. 100). Sendo assim, é o monadismo que leva “à crença de que a tradução genuína é impossível” (Steiner, 2005, p. 100). Por fim, Steiner (2005, p. 101-103) discute alguns autores que defendem ou “linhagens monadistas” ou “universalistas”: Roger Bacon, Chomsky, Nabokov, Leibniz, Vico, Hamman, Herder, Humboldt e Whorf.

No capítulo 3 (Steiner, 2005, p. 147-155), “Palavra contra coisa”, Steiner (p. 137) diz que ainda não se sabe se existe uma genuína “ciência da linguagem”, pois “subjacente a todo conceito de uma linguística científica está uma analogia ampla e sobre a qual raramente se levantam dúvidas”. Isso acontece com “um vocabulário e uma postura de acuidade emprestados de uma ciência exata” que são transferidos “para um conjunto de percepções, para uma fenomenologia” que se encontra fora “dos limites naturais das hipóteses científicas e sua verificação”. É muito provável que a linguagem não pertença a esse universo. Em qualquer reflexão consciente sobre a (reflexão da) linguagem, há “um autismo ontológico inescapável, um



movimentar-se no interior de um círculo de espelhos” (Steiner, 2005, p. 137). O pensamento reflexivo sobre a linguagem é uma tentativa de dar “um passo para fora da própria pele da consciência”, pois “proclamar que o idioma da linguística moderna é uma ‘metalinguagem’ é dizer pouco” (Steiner, 2005, p. 138). De acordo com Steiner (2005, p. 138),

uma análise gerativa, por mais abstrata, por mais sugestiva dos movimentos formais da lógica pura, é em si um ato de linguagem, um procedimento que se imiscui, a cada passo, com o objetivo da sua análise. O linguista não consegue se livrar (tal como um homem não consegue se livrar da sua sombra) do tecido móvel da linguagem real – de sua própria língua ou das poucas línguas que conhece.

No entanto, seria “preditivo” e duvidoso afirmar que “qualquer padrão dado se conforma de modo único com a ‘realidade subjacente’”; é precisamente nesse ponto que a “presumida analogia com a matemática é decisiva e espúria”, pois os fatos da linguagem são bem diferentes, uma vez que “um modelo da linguagem é apenas um modelo”, é um “mapeamento idealizado, não um todo vivo” (Steiner, 2005, p. 139). De acordo com Steiner (2005, p. 145), quando se fala em bilinguismo e “língua materna” surgem perguntas como:

uma mentalidade poliglota funciona diferente daquela que usa uma única língua ou cuja outra língua foi adquirida por aprendizagem posterior? Quando uma pessoa multilíngue na origem fala, as outras línguas que não estão em uso naquele momento fazem pressão sobre a massa verbal que ela está de fato articulando?

Além destas, outra pergunta surge: “como uma sensibilidade multilíngue internaliza a tradução, a efetiva passagem de uma de suas primeiras línguas para outra?” (Steiner, 2005, p. 146). A partir desses questionamentos, Steiner (2005, p. 146) comenta que há especialistas no ramo da tradução simultânea, que declaram que “um falante nativo bilíngue não se torna um intérprete excepcional” ou que “o melhor intérprete é aquele que ganhou fluência na sua segunda língua conscientemente”. Segundo essas declarações, a pessoa bilíngue não “vê as dificuldades” e a “fronteira entre as duas línguas não é suficientemente precisa na sua mente” (Steiner, 2005, p. 146). São poucas as respostas que podem ser encontradas para essas perguntas, pois segundo Steiner (2005, p. 146),



se isso é verdadeiro, há aí a sugestão de que um indivíduo bilingüe ou trilíngue não aja transversalmente ao traduzir. A mente poliglota, por alcançar pelo interior o núcleo simbiótico subverte as linhas divisórias entre línguas. Numa matriz genuinamente multilíngue, o movimento intelectual realizado no ato das escolhas alternativas – ou tradução – é antes parabólico do que horizontal. A tradução é um discurso dirigido para o interior numa descida, ao menos parcial, pela “escada em espiral do ego”.

De acordo com Steiner (2005, p. 149), “a natureza mediadora da linguagem é um lugar-comum epistemológico”. Isso significa que “toda asserção genérica passível de ser feita sobre a linguagem provoca uma contra asserção ou uma antítese”, sendo que as línguas estão estruturadas “pelo tempo, pela sintaxe do passado, presente e futuro” (Steiner, 2005, p. 149). Por isso, afirma que “a linguagem é em parte física e em parte mental” (Steiner, 2005, p. 185). Ela tem uma gramática diacrônica. Há também uma “terceira polaridade que é aquela do público e do privado”, cujo estudo detalhado é indispensável, pois “levanta a questão da tradução em sua forma mais pura” (Steiner, 2005, p. 185). Ao falar sobre a relação entre a “privacidade pessoal” e a “privacidade textual”, Steiner (2005, p. 186) argumenta que

a possibilidade paradoxal da existência de uma língua privada provocou extensamente a lógica e a filosofia da linguagem modernas. É possível que uma confusão entre “idioleto” e “privacidade” tenha frustrado o debate. É também possível que apenas uma leitura mais rigorosa dos casos reais da tradução, particularmente de poesia, venha a isolar e tornar concretos os elementos de privacidade no interior do enunciado público.

Para ele (Steiner, 2005, p. 187), “o uso da linguagem é o uso de um sistema de regras” que “devem ser consistentes para que as proposições que elas autorizam tenham significado”. Por fim, analisa uma quarta dualidade ou conjunto contrastivo, o da verdade e da falsidade. Para a evolução da fala humana, são fundamentais as relações da linguagem natural com possíveis enunciados de verdade e/ou falsidade, especialmente em relação à compreensão das multiplicidades das línguas. “Falar de ‘linguagem e verdade’ ou de ‘linguagem e falsidade’ é, obviamente, falar das relações entre a linguagem e o mundo”, o que significa “as condições de significado e referência” bem como as “condições que tornam a referência significativa para o indivíduo e seu interlocutor” (Steiner, 2005, p. 227). Segundo Steiner (2005, p. 227),

seria instrutivo, embora um tanto quanto redutor, dividir as filosofias entre aquelas que têm a verdade e a falsidade como substâncias ou



propriedades básicas e aquelas para as quais a falsidade é, como sustentava, G. E. Moore, somente a não-verdade, a ausência ou negação da verdade.

A humanidade “tornou-se livre pela fala de todas as restrições orgânicas”, já que a linguagem “é uma criação constante de mundos alternativos”; por isso, na tarefa da tradução, “a dialética do uníssono e a pluralidade está dramaticamente em operação”, o que quer dizer que, de certo modo, “cada ato de tradução é uma tentativa de abolir a multiplicidade e de reagrupar diferentes representações do mundo numa congruência perfeita”. Sendo assim, o tradutor se torna um artista, mas ainda assim, sua “natureza criativa, provavelmente imaginária, dessas relações” continua sendo “posta à prova”; portanto, a tradução não é “uma atividade secundária, especializada na ‘interface’ das línguas”, mas uma “exemplificação necessária e constante de natureza dialética, ao mesmo tempo amalgamante e divisível, da linguagem” (Steiner, 2005, p. 254).

No capítulo 4 (Steiner, 2005, p. 259-314), “As demandas da teoria”, Steiner (2005, p. 259) diz que a pesquisa sobre a teoria, prática e história da tradução é abrangente. Essa pesquisa pode ser dividida em quatro períodos. O primeiro período vai desde o famoso preceito de Cícero, que, em seu *Libellus de optimo genere oratorum*, de 46 a.C., recomenda que não se traduza *verbum pro verbo* (“palavra por palavra”), até o comentário de Holderlin sobre suas próprias traduções de Sófocles em 1804, um “longo período no qual análises e pronunciamentos seminais brotam diretamente do empreendimento do tradutor”, cuja principal característica é o “foco empírico direto” (Steiner, 2005, p. 259). O segundo período é marcado pela teoria e a investigação hermenêutica, período no qual a questão da natureza da tradução aparece no interior das teorias mais gerais da linguagem e da mente. O terceiro período refere-se ao contexto moderno. Estima-se que, no fim da década de 1940, circularam “os primeiros trabalhos sobre tradução automática”, nos quais “estudiosos e críticos russos e tchecos, herdeiros do movimento formalista [...] aplicaram a teoria linguística e a estatística à tradução”, um período de “exploração intensa e muitas vezes colaborativa” (Steiner, 2005, p. 260). Steiner (2005, p. 261) afirma que

o estudo da teoria e da prática da tradução, mais ainda que na década de 1950, vem se tornando um ponto de contato entre disciplinas estabelecidas e outras que estão nascendo. Esse estudo fornece uma



sinapse para o trabalho em psicologia, antropologia, sociologia e campos intermediários como a etno e a sociolinguística.

Apesar de todos os estudos e escritos sobre a arte e a teoria da tradução, “o número de ideias originais e significativas na área permanece muito exíguo” (Steiner, 2005, p. 261). Há “uma permanente questão de se saber se a tradução é de fato possível”, que se origina nas “antigas dúvidas religiosas e psicológicas quanto à possibilidade de haver qualquer passagem de uma língua a outra” (Steiner, 2005, p. 261-262). A tradução assumiu um papel importante desde o início. Pode-se dizer, por isso, que, “se não há nenhum intérprete presente, que o falante estrangeiro fique em silêncio” (Steiner, 2005, p. 262). O “postulado da intraduzibilidade” teve sua fundação numa “convicção formal e pragmática, de que não pode haver efetiva simetria ou espelhamento adequado entre dois sistemas semânticos diferentes”, o que é uma forma de “expressar o argumento da dissonância semântica” (Steiner, 2005, p. 262-263). O quarto período seria uma extensão do terceiro. Nele, “tradicionalmente o argumento encontra sua força na poesia”, no qual os “ataques à tradução [...] são apenas a margem mordaz da asserção geral de que nenhuma língua pode ser traduzida sem perdas fundamentais” (Steiner, 2005, p. 264-265). A respeito da tarefa tradutória, Steiner (2005, p. 267) alega que

a tradução é um imperativo teológico, uma teimosa busca para fora de todas as frestas, de todas as comportas, de todas as superfícies translúcidas através das quais as correntes desjuntadas do falar humano perseguem seu retorno previsto a um só mar.

De um ponto de vista histórico, “só a tradução poderia assegurar que o homem moderno não seria privado da sabedoria e dos benefícios do passado” (Steiner, 2005, p. 269). A questão do “nem tudo pode ser traduzido” se relaciona ao fato de que “há textos que não podemos *ainda* traduzir”, mas que, por meio de “alterações linguísticas, refinamento de meios interpretativos ou mudanças na sensibilidade receptiva”, vão se tornar traduzíveis futuramente, pois tanto a língua de partida quanto a de chegada está em constante movimento; sendo assim, “não há qualquer eixo estático no tempo a partir do qual a compreensão pudesse ser vista como estável e definitiva” (Steiner, 2005, p. 272). Por fim, o capítulo afirma que “uma ‘teoria’ da tradução, uma ‘teoria’ da transferência semântica” só pode ter um significado: “ou é um modo hermenêutico orientado” que designa “um modelo prático de todas as



trocas semânticas, da totalidade da comunicação semântica”, ou é “uma subparte de um tal modelo com referência específica às trocas interlínguas, à emissão de recepção de mensagens significativas entre diferentes línguas” (Steiner, 2005, p. 299). Os conceitos de “teoria” podem ser usados como “adequação sistemática” somente se relacionados com uma “teoria da linguagem”, sendo que essa relação pode ser feita de duas formas: ou de completa “sobreposição e isometria, ou seja, “uma teoria da tradução é, de fato, uma teoria da linguagem”; ou de estrita “dependência formal”, ou seja, “uma teoria de linguagem é o todo do qual a teoria da tradução é uma parte” (Steiner, 2005, p. 300).

No capítulo 5 (Steiner, 2005, p. 317-434), “O Movimento Hermenêutico”, Steiner explica o processo do Movimento Hermenêutico. De acordo com Ruedell (2000, p. 16), a hermenêutica é a “arte de traduzir ou interpretar”. Hermenêutica e interpretação são, de fato, termos “derivados da mesma palavra grega” (Schmidt, 2012, p. 10). A palavra hermenêutica “é uma transliteração modificada do verbo grego *‘hermeneuein’* que significa [...] explicar ou interpretar, e traduzir” (Schmidt, 2012, p. 17). Schleiermacher (*apud* Ruedell, 2000, p. 49) “elabora uma fundamentação da interpretação” que está assentada “no ato da compreensão, tanto no momento da instituição do sentido [...] quanto no de sua interpretação”. Para Schleiermacher (*apud* Schmidt, 2012, p. 12), “a hermenêutica é necessária em todos os casos de compreensão da linguagem falada ou escrita”. Para Gadamer (*apud* Schmidt, 2012, p. 11), “a hermenêutica é a teoria filosófica do conhecimento que afirma que todos os casos de compreensão envolvem necessariamente tanto interpretação quanto aplicação”.

Dilthey (*apud* Schmidt, 2012, p. 19) também enxerga a hermenêutica como um ato de compreensão: “a hermenêutica enquanto compreensão interpretativa das expressões linguísticas é o modelo para o processo geral de compreensão nas ciências humanas”. Steiner (p. 317), por sua vez, define a hermenêutica como um “ato de extração e transferência apropriadora do significado”. O Movimento Hermenêutico é composto por quatro estágios: confiança inicial, agressão, incorporação e compensação. A confiança inicial é a convicção de que o texto original pode ser compreendido e traduzido, e de que há algo para ser extraído dele. “Toda compreensão – e a asserção demonstrativa da compreensão que é a tradução – começa com um ato de confiança” (Steiner, 2005, p. 317). Na confiança inicial, o



incentivo social é determinante para o profissional de tradução, pois a existência de outras traduções de determinadas obras mantém o tradutor “na tarefa” (Steiner, 2005, p. 318). O segundo movimento é o da agressão. Segundo Heidegger (*apud* Steiner, 2005, p. 318), a compreensão é “como um ato, de saída, inerentemente apropriador e, portanto, violento”, e é só por meio da compreensão e da tradução que o texto original se torna existente. Para Hegel (*apud* Steiner, 2005, p. 318), a cognição é um processo agressivo e “cada proposição é um ataque ao mundo”. De fato, Heidegger (*apud* Steiner, 2005, p. 319) mostrou que “a compreensão, o reconhecimento” e “a interpretação [...] constituem um modo compacto inevitável de ataque”. A “agressão” é um processo invasivo, pois o tradutor penetra, cerca e invade cognitivamente o original e furtá seu significado. O terceiro movimento, a incorporação, é uma extensão do segundo. A incorporação se refere a como “o significado do texto fonte, extraído pelo tradutor no segundo movimento, é trazido para a língua de chegada, que já está cheia de suas próprias palavras e significados” (Munday, 2001, p. 164).

O conteúdo da tradução, adquirido do original, causa “a completa domesticação [...] até o permanente estranhamento” (Steiner, 2005, p. 319). Segundo Steiner (2005, p. 318), “nenhuma língua, nenhum sistema simbólico tradicional ou grupo cultural fazem importações sem o risco de serem transformados”. Portanto, não existe incorporação sem mudança. Esse processo ocorre de duas formas: consumação sacramental e contaminação. Na consumação, “a cultura de chegada ingere e se enriquece com o texto estrangeiro” e, na contaminação, a cultura de chegada “é infectada por ele e, por fim, o rejeita” (Munday, 2001, p. 164). O quarto movimento, a compensação ou restituição, completa o “círculo” hermenêutico. No processo de tradução, “o gesto apriorístico da confiança nos põe em desequilíbrio”, pois o sistema fica desequilibrado quando o tradutor apreende o significado do original, “o outro”, para “somar ao seu”; assim, o sistema fica “pendendo para um lado só”, e o “ato hermenêutico [...] deve fazer a mediação entre troca e paridade reconstituída” através de compensações, para que o equilíbrio do sistema seja restaurado (Steiner, 2005, p. 321).

O capítulo 6 (Steiner, 2005, p. 437-492), “Topologias da cultura”, traz questões relacionadas à semiologia (ou semiótica), segundo a qual “a linguagem é apenas um dentre muitos outros mecanismos visuais, acústicos, olfativos, táteis e



simbólicos de comunicação”, sendo que, nesse ponto de vista, a tradução é “uma constante sobrevivência orgânica”, pois “a vida do indivíduo e da espécie depende da leitura e interpretação rápida e/ou correta de uma rede vital de informação” (Steiner, 2005, p. 438). Nesse campo entra o que Jakobson (*apud* Steiner, 2005, p. 438) chama de “transmutação”, que é “a interpretação de signos verbais por meio de signos de um sistema de signos não verbais”. No entanto, há uma área muito grande intermediando a “tradução propriamente dita” e a “transmutação”, denominada de “transformação parcial”, na qual “os signos verbais não são necessariamente ‘transmudados’ em sistemas de signos não verbais”, mas podem, ao contrário, “entrar em várias combinações com tais sistemas”, sendo que “a área da transformação parcial [...] determina muito de nossa sensibilidade e letramento”, pois é “a matriz da cultura” (Steiner, 2005, p. 438). Com base nesses princípios, Steiner (2005, p. 438) procurou, nesse capítulo, “aplicar a noção de *alternidade*” a seu “modelo de tradução” e à questão mais abrangente do significado e da cultura herdados; por isso, indaga: “quanto da cultura é tradução e reformulação de significados anteriores?”.

De acordo com Steiner (2005, p. 438), “a linguagem na música” é um “caso típico” da “transformação parcial”. Um texto original é traduzido diversas vezes e, por essa razão, apresenta uma “sequência de versões alternativas”, que “é um ato de crítica e correção cumulativas recíprocas”, o que acontece na música (Steiner, 2005, p. 439). Steiner (2005, p. 440) ainda diz que, “muitas vezes, o músico manipula as palavras, alterando, omitindo ou ‘melhorando’ o poema para ajustá-lo a sua glosa pessoal ou a seu projeto formal (o tradutor também faz acréscimos ou eliminações para seu próprio proveito)”, e “o arranjo musical de um poema gera uma construção na qual o original e sua ‘tradução’ (possivelmente uma tradução duplicada) coexistem numa simultaneidade ativa”. A partir disso, Steiner (2005, p. 445) analisa alguns poemas que receberam alguma forma musical e conclui que “as tonalidades contrastivas, os diferentes usos idiomáticos, os distintos contextos associativos que geram resistência e afinidade entre duas línguas são intensificados e complicados na interpenetração da língua com a música”. Quando um texto assume alguma forma musical, as palavras ainda assim “mantêm sua identidade” (Steiner, 2005, p. 446). A transformação de um “evento verbal inicial” em “outras formas verbais e não verbais” é uma questão topológica. Na matemática, a topologia estuda a “relação



entre pontos e as propriedades fundamentais de uma figura geométrica que permanecem inalterados quando a figura sofre deformação” (Steiner, 2005, p. 447). De acordo com Steiner (2005, p. 448), a cultura tem uma estrutura ““topológica””, pois há “invariantes e constantes subjacentes às diversas formas de expressão em nossa cultura”, sendo que essas constantes “podem ser especificamente verbais”, “temáticas” e “formais”; dessa forma, a cultura “é uma sequência de traduções e transformações de constantes (‘tradução’ sempre tende para ‘transformação’)”. Ao perceber essas transformações, “chegaremos a uma compreensão mais clara do motor linguístico-semântico da cultura e do que mantém diferentes línguas e suas ‘áreas topológicas’ distintas entre si” (Steiner, 2005, p. 448). De acordo com Carvalho (2004, p. 7), a topologia de cultura analisa os “sistemas simbólico-ideológicos que os indivíduos vão interiorizando e construindo e que açãoam nos vários campos de relações e de práticas sociais”, pois a maneira como o indivíduo pensa e vive define o seu “posicionamento social”, “suas referências identitárias”, “os valores societais”, etc.

Para Danziato (2009, p. 133), a cultura é uma “topologia discursiva estruturada como uma linguagem, com funções fundamentais na constituição do sujeito e do seu corpo no laço com o outro, funções essas estabelecidas nas dimensões do real, do simbólico e do imaginário”. A matriz da cultura se baseia na transformação “parcial” dos “signos verbais da mensagem original”, o que “determina muito de nossa sensibilidade e letramento” (Steiner, 2005, p. 438). Sendo assim, “somos de tal modo um produto de um conjunto de padrões de sensibilidade” (Steiner, 2005, p. 484).

No epílogo (Steiner, 2005, p. 493-496), Steiner (2005, p. 493) diz que seu livro aplicou “a poética, a crítica literária e a história das formas culturais a aspectos da linguagem verbal”. Seu alvo principal, do começo ao fim, foi o “ato de tradução”. Segundo ele (Steiner, 2005, p. 493), a tradução tem desempenhado um papel indispensável ao longo da história, pois ela está “totalmente implícita na comunicação mais rudimentar” e “na coexistência e no contato mútuo das milhares de línguas faladas no mundo”. É necessário, portanto, conhecimento lógico e linguístico de nível profissional para que se seja competente e se possam avaliar “os resultados alcançados pelas análises formais e matemáticas da linguagem” (Steiner, 2005, p. 493). Steiner (2005, p. 493) afirma que seu estudo é um testemunho do



“fascínio intelectual da linguística técnica contemporânea” e do “fato de que a abordagem formal ajudou a trazer a investigação da linguagem para uma posição central em filosofia, psicologia e lógica”.

Nas seções finais, Steiner avança para uma reflexão filosófica mais ampla sobre a multiplicidade de línguas e suas implicações para a existência humana. Ele argumenta que a diversidade linguística, longe de ser apenas uma barreira, é uma fonte profunda de criatividade, individualidade e até mesmo mistério humanos. Ele sugere que a Torre de Babel pode não ter sido uma maldição, mas uma fragmentação necessária que permitiu a riqueza e a profundidade da experiência e da expressão humanas. Steiner conclui insinuando a natureza interminável da interpretação e da tradução e, assim, sugerindo que o significado nunca é totalmente fixo ou esgotado. O livro termina com uma percepção da vastidão e complexidade da linguagem e do esforço contínuo e vital necessário para transpor as barreiras linguísticas e culturais.

Quando a obra *Depois de Babel* começou a ser escrita, “a questão de Babel e a história dessa questão no pensamento religioso, filosófico e antropológico era pouco respeitada entre linguistas ‘científicos’”, mas, alguns anos mais tarde, essa questão ganhou o interesse dos principais linguistas. Steiner (2005, p. 494) alega que “permanece uma questão em aberto saber se as tentativas de uma anatomia abrangente da linguagem por meio de meios formais e lógicos são mais do que um exercício intelectual, normalmente esclarecedor no nível do ideal”.

Steiner (2005, p. 494) também apresenta a “hipótese de que a proliferação de línguas mutuamente incompreensíveis surge de um impulso absolutamente fundamental da linguagem em si”. A partir dessa questão das diversas línguas existentes, Steiner (2005, p. 496) conclui que “a cabala, na qual o problema de Babel e da natureza da linguagem é tão insistentemente examinado, sabe de um dia de redenção no qual a tradução não será mais necessária”; assim, “todas as línguas humanas terão reentrado no imediatismo transluzente da língua original perdida que era compartilhada por Deus e Adão”.

REMETENTE E DESTINATÁRIO

Nesta seção, apresentaremos uma breve biografia da remetente, Ellen G. White, e do destinatário da carta inédita, John Orr Corliss, bem como o papel que desempenharam na história da IASD.



A remetente

Ellen Gould Harmon-White nasceu em 26 de novembro de 1827, em Gorham, Maine, nos Estados Unidos da América, e morreu aos 87 anos, no dia 16 de julho de 1915, em Santa Helena, Califórnia. White foi uma líder religiosa americana, cujas orientações foram fundamentais para o crescimento inicial da IASD e continuam sendo até hoje. Em sua infância, por volta dos 9 anos de idade, White foi atingida com uma pedra no rosto. De acordo com Knight (1996, p. 13), “em Portland, Ellen, de 9 anos, sofreu um acidente que afetou severamente sua vida. Ao ser tingida no rosto por uma pedra lançada por uma colega de classe, ela esteve entre a vida e a morte por várias semanas”.

Pelo ocorrido, White vivenciou a amarga experiência de ser tratada de maneira diferente em decorrência de sua aparência física, fato que comprometeu sua capacidade física e intelectual. Pensou-se, pela gravidade do evento, que ela não conseguiria ser uma escritora de sucesso. No entanto, em seu período de vida, estima-se que ela escreveu mais de 100 mil páginas à mão, o que equivale a 25 milhões de palavras. Nenhuma outra mulher na história conseguiu escrever tantos livros publicados em tantas línguas como White (Schaefer, 1990, p. 87-88). Existem muitas posições em relação a White como escritora e até mesmo como pessoa, marcadas por elogios e acusações de impostura. Segundo Lake (2010, p. 21), “por causa de sua reivindicação ao ofício profético e seu papel fundamental no desenvolvimento da IASD e seus ensinamentos, ela se tornou um para-raios, e sua credibilidade como profeta, o alvo da maioria dos ataques à teologia adventista”.

Embora muitos tenham atribuído a ela o título de profeta, ela preferiu o termo “mensageira do Senhor”. White desempenhou um papel importante na IASD, não apenas como escritora prolífica, mas como pioneira do movimento. Quando se fala de “líderes femininas de grupos sociais e religiosos do século 19, Ellen G. White foi, por assim dizer, única”, pois combinava perfeitamente as características de “pioneira norte-americana com as virtudes de típica mulher vitoriana” (Douglass, 2009, p. 102). Ela tinha certeza de ser a mensageira do Senhor, sendo que, em uma de suas cartas, declara: “Não duvido, por um só momento, que o Senhor me enviara para que as almas sinceras que haviam sido enganadas tivessem oportunidade de ver e ouvir por si mesmas” (White *apud* Douglass, 2009, p. 44).



Seus escritos foram editados e publicados. Ela escreveu “cartas, diários, artigos para periódicos, folhetos e livros” (Douglass, 2009, p. 108), sendo respeitada e ouvida pelos líderes da IASD. Além do mais, “era uma líder orientada para o futuro, confiante na crescente configuração de verdade” (Douglass, 2009, p. 531). Para White, lembrar a maneira de como Deus tinha guiado Seu povo no passado era mais que suficiente para não “recear quanto ao futuro” (Douglass, 2009, p. 531). Douglass (2009, p. 531) afirma que

ao considerarmos a mensagem e missão da IASD, a relevância de Ellen White para o presente e o futuro é tão certa e tão necessária como o tronco é para o ramo. Pois enquanto o ramo precisar do tronco, assim os adventistas continuarão a sentir a segurança e a força encontrada nos escritos dela.

White é importante, portanto, não apenas como escritora, mas também como pioneira do movimento adventista.

O destinatário

A carta inédita foi dirigida ao Sr. John Orr Corliss, que foi pastor, evangelista e missionário. Corliss nasceu no estado do Maine, Estados Unidos, no dia 26 de dezembro de 1845 (Andross, 1926, p. 87). Enquanto criança, estudou em escolas públicas, mas sua educação primou pelo estudo da Bíblia e de assuntos religiosos (Andross, 1926, p. 87). Aos 16 anos, tornou-se marinheiro. Em 1866, tornou-se batista (Lafontant; Curtis, 2017, p. 2). Na faixa de seus 20 anos passou a guardar o sábado, e, em 1868, foi batizado na IASD pelo pastor James (Tiago) White (Andross, 1926, p. 87). Nesse mesmo ano, Corliss se tornou “capelão e superintendente do Health Reform Institute, em Battle Creek, Michigan” (Lafontant; Curtis, 2017, p. 2). Em 1871, ele passou a fazer parte do ministério e organizou muitas igrejas (Andross, 1926, p. 87). Corliss “frequentava muito a casa da família White” (Spicer, 1941, p. 7) e acabou “contratado como empregado pelos White em 1861; e, de forma gradual, sobretudo sob a orientação de José Bates, tornou-se pregador” (Spalding, 1949, p. 603). Ellen G. White o conhecia desde a infância (White, 1983, p. 173) e o descreveu como “um excelente professor”, capaz de tornar as coisas “muito simples e interessantes”, um homem capaz de falar “com poder e muita clareza” (White, 1983, p. 173).



Em novembro de 1884, a Associação Geral (entidade que organiza o ministério da IASD em todo o mundo) decidiu enviar um grupo de missionários para iniciar uma obra evangelística na Austrália, a fim de levar a mensagem adventista a esse país (Olsen, 1926, p. 379; White, 1983, p. 12). Foi o pastor S. N. Haskell quem liderou esse grupo de pioneiros, que também era formado pelos pastores J. O. Corliss e M. C. Israel, bem como suas famílias, pelo colportor William Arnold e pelo editor Henry L. Scott (Olsen, 1926, p. 379; White, 1983, p. 12; DEPARTMENT OF EDUCATION, 1956, p. 299). No dia 10 de maio de 1885, eles saíram da Califórnia em direção à Austrália, e chegaram em Sydney no dia 7 de junho desse mesmo ano. No entanto, decidiram ir para Melbourne, onde chegaram no dia seguinte (DEPARTMENT OF EDUCATION, 1956, p. 299; Battye, 1960, p. 2). Em janeiro de 1886, a fim de alcançar um maior número de pessoas com a mensagem adventista, publicaram o primeiro número do periódico mensal de 16 páginas *The Bible Echo and Signs of the Times*, do qual J. O. Corliss se tornou editor (Olsen, 1926, p. 384; Schwarz; Greenleaf, 2012, p. 144). Além das revistas, a obra continuou através de projetos de evangelismo e séries de estudos bíblicos. Como resultado, no dia 10 de abril de 1886, foi organizada, em Melbourne, a primeira igreja adventista do sétimo dia na Austrália (Olsen, 1926, p. 382; General..., 1887, p. 130).

Devido à sua má condição de saúde, Corliss voltou para os Estados Unidos em 1887 (Olsen, 1926, p. 384). Além de ser missionário pioneiro na Austrália, Corliss também foi pioneiro da mensagem adventista na Virgínia e em vários outros estados do sul dos Estados Unidos (Spalding, 1949, p. 490). Ele também conduziu campanhas evangelísticas no Michigan, Maine, Virgínia, Colorado e Califórnia (Lafontant; Curtis, 2017, p. 2). Na década de 1880, houve diversas e intensas tentativas de implementar o domingo como dia oficial de descanso nos Estados Unidos. Desse modo, o governo queria que a observância do domingo fizesse parte da lei e da Constituição do país. No entanto, o estabelecimento de um dia de guarda era contra o princípio de liberdade da constituição americana. Assim, houve iniciativas para sua mudança, porém, nenhuma delas teve sucesso (Spalding, 1949, p. 548-558).

Entre 1888 e 1889, o senador H. W. Blair deu início a três projetos de lei para impor a observância do domingo. No entanto, nesse contexto, “batistas do sétimo dia, adventistas do sétimo dia e alguns representantes liberais de sindicatos e de outros organismos seculares se opuseram a eles nas audiências do comitê” (Spalding,



1949, p. 558). Com muito esforço, conseguiram impedir a criação dessa nova lei. A. T. Jones e J. O. Corliss foram os representantes da IASD nesse comitê, sendo que essa foi a primeira vez que representantes dessa religião “apareceram em uma assembleia legislativa como campeões do princípio de separação entre a igreja e o estado” (Spalding, 1949, p. 558).

A Associação Geral elegeu um comitê de liberdade religiosa em 1887 e criou a Associação de Liberdade Religiosa no dia 21 de julho de 1889, com um total inicial de 110 membros. Corliss fazia parte do comitê editorial dessa associação e era um de seus principais porta-vozes. Em 1903, a associação se tornou o Departamento de Liberdade Religiosa da Associação Geral (Spalding, 1949, p. 559).

Em 1893, Corliss voltou para a Austrália para dar continuidade ao seu trabalho, e lá ficou até 1896. Em 1897, foi para o Canadá, onde permaneceu um ano. De 1902 a 1904, trabalhou na Inglaterra, e de lá voltou para a Califórnia, onde ficou até o dia de sua morte (Lafontant; Curtis, 2017, p. 2). J. O. Corliss faleceu no dia 17 de setembro de 1923 (Olsen, 1926, p. 754), após ter sido importante pastor e missionário da IASD, exercendo grande influência como pioneiro dessa denominação.

De fato, White e Corliss desempenharam papéis importantes como pioneiros da IASD. White exerceu influência como escritora prolífica sobre diversos temas, tornando-se a mulher mais traduzida de todos os tempos. Seus ensinos foram imprescindíveis para o crescimento inicial da IASD e continuam sendo até hoje. Corliss deu sua contribuição como pastor e missionário, levando a mensagem adventista a vários lugares e fundando muitas igrejas. Além disso, fez parte do Comitê de Liberdade Religiosa, que lutou contra a implementação do domingo como dia oficial de descanso nos Estados Unidos.

A CARTA INÉDITA

Nesta seção, apresentaremos a carta inédita de Ellen G. White a J. O. Corliss na íntegra, seguindo a transcrição de Silveira (2019), e ofereceremos sua tradução. Além disso, vamos fornecer comentários elucidadores em notas de rodapé. Ao final, aplicaremos os princípios do Movimento Hermenêutico à tradução da carta.

A carta na íntegra



Lt 33, 1882
Hanford, Tulare Co., California
May 9, 1882

Dear Bro. [J. O.] Corliss,

I received your letter this morning and was glad to hear from you. I am pressed with much writing yet feel inclined to drop you a word. We are in the midst of our camp meeting. The Lord has strengthened me to bear a straightforward powerful testimony which has impressed the people. These people have had but few religious privileges and they have had but little preaching. It was a feast to hear their testimonies this morning. They had something to say. Intelligent words of experience came from many that showed the Lord was working upon their hearts.

Our work is to talk much upon practical godliness. The great danger with our people who have had great light is to not prize their privileges and opportunities as blessings from God of the highest value. The disciples did not appreciate their high privilege of having Jesus in their midst until His blessing was removed from them. Then Jesus was missed. They did not know what He was to them until too late. Just so with us all. We do not know or appreciate the sacred gift of God in the light, the opportunities, He grants us.

If the testimonies of His Spirit were prized as the voice of God to men in warnings, in counsels, in reproof, our people would not be as cold and lukewarm as they are today. It is the growing unbelief in the testimonies of the Spirit of God which leaves the people in darkness. Let us consider this matter. Is this the voice of God? Has He signified His will? Has He warned of dangers? Has He presented before His people what they must do and what they must be in order to be saved? But the people pay no heed.

Some who profess to be leaders explaining the Scriptures to [others] are indifferent to the word of God through clay. What if they treat them [the testimonies] with disrespect? How much easier will this unbelief and this disrespect be accepted than expressed faith? And why? Because the natural heart is in accordance with this unbelief. It pleases the carnal heart to be undisturbed in their errors and sins, and if they can find the least excuse to demerit the value of these



testimonies, they feel easier in their selfish indulgence. O, how easy for a little leaven of unbelief to leaven the lump!

But supposing these testimonies are indeed the voice of God to the people. Then how can we regard the work and influence of those who will not acknowledge the voice of God in the testimonies borne, but who have braced their hearts against them, whose voice is never heard among the people urging them to give attention to the light from the throne of God? How will their work stand in the judgment? How many have these ministers drawn with them to pay no heed to the voice of God? Why, their work is of that character that it would have been better for the people of God in the end if their voice had never been heard as a watchman on the walls of Zion. They placed greater confidence in their own finite judgment than in the words that God sends.

The time will come that the people will see this in its true bearing, but it will be too late to undo the past. They charge upon the ministers the loss of their souls and these ministers are among us today. These men are exalting their own ideas and plans above the light God has given them. These men allow self to come in between them and the people and to shut out heaven's rays of light given to the people. Where there is no vision, the people perish [Proverbs 29:18].

How easy for the people to look to their ministers rather than to go to God for themselves and serve Him conscientiously, knowing what is of God for themselves. One hint of disrespect in regard to the light given in the testimonies will go further with minds unenlightened by the special grace of God than fifty sermons to prove their validity. Those who sow unbelief will reap the harvest they have sown. The seed will spring up and bear fruit, a harvest of unbelief. He may have his faith confirmed and then wish to gather up the seeds he has sown of unbelief and infidelity, but can he gather it up? No indeed. He might work with all his might from day to day, but he cannot gather up the seeds of doubt, of questioning, he has sown.

Some of our ministers choose to disbelieve because they have most earnest work to do to correct the faults in their characters and to purify their lives. It is a big job. If they can only quiet their consciences that the testimonies are not from God they feel at ease to go on in their wrongs. I tell you there is licentiousness in our ranks that is fearful. There is want of virtue and honesty. Just destroy the confidence of the people in the testimonies of the Spirit of God and we shall see a



demoralized state of things that we do not dream could exist. [Possibly incomplete.
Letter ends here without signature.]

Copied as grammatically edited
From handwritten original
February 21, 2019
TLP

(Original letter is in the PUC Library Vault, in the flat files, Drawer 1,
shared with the White Estate on January 28, 2019.)

Tradução e comentários

Carta 33, 1882

Hanford, Tulare Co., Califórnia⁵

9 de maio de 1882⁶

Prezado irmão [J. O.]⁷ Corliss,

Recebi sua carta esta manhã e fiquei feliz em receber notícias. Estou muito ocupada com meus escritos, mas sinto que devo lhe mandar umas poucas linhas. Estamos no meio da nossa campal. O Senhor me deu forças para dar um testemunho poderoso e direto, que impressionou as pessoas. Este povo teve poucas experiências religiosas e ouviu poucos sermões. Foi um banquete espiritual ouvir seus testemunhos hoje de manhã. Sua mensagem foi significativa. Palavras inteligentes sobre sua experiência vieram de muitos e mostraram que o Senhor estava trabalhando em seu coração.⁸

⁵ Hanford, localidade de escritura da carta, tinha apenas cerca de 400 moradores naquela época, mas era o local onde White estava pregando em uma campal (Graybill, 2019).

⁶ A data de escritura da carta dista apenas algumas semanas da fundação do Pacific Union College, em 11 de abril de 1882, época em que White havia se mudado para perto da escola (Graybill, 2019).

⁷ Na transcrição, acrescentaram-se entre colchetes detalhes elucidativos como, neste caso, as iniciais do nome do destinatário.

⁸ Graybill (2019) nota, com satisfação, que White estava tão empolgada com a campal que nem reclamou da tempestade de areia que os historiadores contam que ocorreu durante dois dias daquela campal.



Nossa obra deve ser enfatizar a religião prática.⁹ O grande perigo para o nosso povo que tem recebido grande luz é não valorizar seus privilégios e oportunidades como bênçãos de Deus do mais alto valor. Os discípulos não apreciaram o grande privilégio de ter Jesus entre eles até que Sua bênção lhes foi removida. Só então sentiram falta de Jesus. Descobriram tarde demais o que Ele significava para eles. Assim também acontece com todos nós. Não conhecemos ou apreciamos a luz que Deus nos concede, esta dádiva sagrada repleta de oportunidades.¹⁰

Se os testemunhos de Seu Espírito fossem valorizados como a voz de Deus aos seres humanos em advertências, conselhos e repreensões, nosso povo não seria tão frio e morno como é hoje. É a crescente incredulidade nos testemunhos do Espírito de Deus que deixa o povo nas trevas. Consideremos esta questão. É esta a voz de Deus? Será que Ele deixou clara a Sua vontade? Será que Ele nos alertou sobre os perigos? Será que Ele apresentou a Seu povo o que devem fazer e o que devem se tornar para que sejam salvos? No entanto, o povo não Lhe dá ouvidos.¹¹

Alguns que professam ser líderes e explicam as Escrituras [para outras pessoas] são indiferentes à palavra de Deus quando transmitida pelo barro.¹² O que acontece quando tratam [os testemunhos] com desrespeito? Quão mais fácil se torna aceitar essa incredulidade e esse desrespeito do que a fé expressa? E por quê? Porque a natureza do coração está em conformidade com essa incredulidade. O coração carnal tem prazer em não se perturbar com seus erros e pecados; assim, se encontram a menor desculpa para desmerecer o valor desses testemunhos, eles se sentem mais à vontade em sua indulgência egoísta. Oh, como é fácil para um pouco do fermento da incredulidade fermentar a massa!

Mas vamos supor que esses testemunhos sejam de fato a voz de Deus para o povo.¹³ Então, como podemos considerar a obra e a influência daqueles que não

⁹ Graybill (2019) explica que a ortografia de White era fonética. Ou seja, ela escrevia como pronunciava as palavras e não como a ortografia exigia. Por isso, neste caso, ela escreveu *practive* em vez de *practical*, “prática”.

¹⁰ Aqui, o manuscrito original contém a palavra *sacrid*, em vez de *sacred*, “sagrada”, como era de se esperar (Graybill, 2019).

¹¹ Graybill (2019) descreve que, a partir da segunda folha do manuscrito, a caligrafia de White se tornou menor e os espaços interlineares diminuíram.

¹² Isto é, por agentes humanos. Em contextos religiosos e literários, “barro” frequentemente simboliza a humanidade ou o corpo humano, o que vem da ideia bíblica de que os seres humanos foram formados do barro ou do pó (cf. Gn 2:7, NVI: “O Senhor Deus formou o homem do pó da terra”). “Pelo barro” significaria, então, através de seres humanos. A expressão se refere, portanto, aos próprios escritos de Ellen White (Graybill, 2019).

¹³ Houve um descuido de pontuação na transcrição. Neste caso, a vírgula deveria ser usada em vez do ponto final, já que não se trata de duas orações independentes. Por isso, alteramos o modo verbal e



reconhecem a voz de Deus nos testemunhos apresentados, mas que blindaram o coração contra eles, cuja voz nunca é ouvida entre o povo, exortando-os a dar atenção à luz vinda do trono de Deus?¹⁴ Como será julgada sua obra no dia do juízo? A quantas pessoas esses ministros atraíram para não darem ouvidos à voz de Deus? Ora, sua obra é de tal caráter que, no final, teria sido melhor para o povo de Deus se sua voz nunca tivesse sido ouvida como a de um vigia nas muralhas de Sião. Eles depositaram maior confiança em seu próprio julgamento finito do que nas palavras que Deus envia.

Chegará o tempo em que o povo verá as verdadeiras consequências disso, mas será tarde demais para desfazer o passado. Eles culparão os ministros pela perda da própria alma, e esses ministros estão entre nós hoje. Esses homens estão exaltando as próprias ideias e planos acima da luz que Deus lhes deu. Esses homens permitem que o eu se coloque entre eles e o povo, e impeça que os raios da luz do céu cheguem às pessoas. Onde não há visão, o povo perece [Pv 29:18].¹⁵

Como é fácil, para o povo, procurar seus ministros em vez de irem a Deus, por si só, para O servir de forma consciente e para saber, por si só, qual é Sua vontade. Um indício de desrespeito à luz que os testemunhos emitem influenciará mais as mentes não iluminadas pela graça especial de Deus do que 50 sermões para provar sua validade. Os que semeiam a incredulidade colherão o que semearam. A semente brotará e dará fruto, uma colheita de incredulidade. Ele¹⁶ pode ter sua fé confirmada e, depois, desejar retirar as sementes de incredulidade e infidelidade que semeou, mas será que as pode recolher? Não mesmo. Ele pode trabalhar com todas as suas forças dia após dia, mas não pode recolher as sementes de dúvida e questionamento que semeou.

Alguns de nossos ministros escolhem não crer porque precisam realizar uma obra mais séria para corrigir as falhas de seu caráter e purificar sua vida. Trata-se de tarefa difícil! Se apenas conseguirem acalmar a consciência sob a alegação de que

criamos uma oração principal. De qualquer forma, Graybill (2019) explica que White dava pouca atenção à pontuação de seus manuscritos.

¹⁴ Os historiadores divergem sobre quem White tem em mente ao fazer essa reprevação. Os prováveis candidatos são D. M. Canright, Uriah Smith ou Alexander McLaren, diretor do Battle Creek College (Graybill, 2019).

¹⁵ Na transcrição, acrescentaram-se entre colchetes o livro, capítulo e verso da passagem bíblica que a autora citou, originalmente na versão King James.

¹⁶ A autora fez uma mudança de pronome pessoal: de *they*, “eles”, que se refere aos “que semeiam a incredulidade”, para *he*, “ele”, que se refere a cada ministro em particular.



os testemunhos não vêm de Deus, vão se sentir à vontade para cometer seus erros. Eu afirmo que existe,¹⁷ em nossas fileiras, uma licenciosidade que é temerária. Há falta de virtude e honestidade. Apenas destruam a confiança do povo nos testemunhos do Espírito de Deus e veremos a desmoralização do estado das coisas que nem sonhávamos que pudesse acontecer. [Possivelmente incompleto. A carta termina aqui sem assinatura].

Copiado como gramaticalmente editado¹⁸

Do manuscrito original¹⁹

21 de fevereiro de 2019

TLP²⁰

(A carta original está no cofre da biblioteca do PUC,²¹ nos arquivos de mapas, gaveta 1,²² compartilhada com o White Estate²³ em 28 de janeiro de 2019).

Aplicação do Movimento Hermenêutico

Quando os profissionais de tradução se deparam com um conteúdo de natureza desafiadora, com uma linguagem obsoleta, como, por exemplo, numa correspondência pertencente a um passado que se cobre de névoas, assim como no caso deste trabalho, podem ter a sensação de que não lhes é facultada a possibilidade de uma tradução clara e legível. No entanto, tivemos confiança, desde o início, de que isso seria possível. No desejo de transformar “um texto antes

¹⁷ Era comum que White cometesse erros de concordância. O manuscrito original contém, aqui, um exemplo desses erros, desta vez corrigido pela própria escritora. Ela escreveu “existem, em nossas fileiras, uma licenciosidade”. Ela riscou, então, a palavra “existem” e escreveu “existe” (Graybill, 2019).

¹⁸ Isto significa que, para a melhor compreensão do leitor, a carta foi transcrita com algumas correções à gramática do documento original.

¹⁹ O manuscrito tem tamanho incomum (13 por 5 3/4 polegadas) para a época em que foi escrito. Provavelmente era uma sobra de papéis para impressão, pois Ellen G. White era bastante econômica no uso do papel no qual escrevia seus livros e cartas (Graybill, 2019).

²⁰ “O protocolo TLP (*Traffic Light Protocol*) é um meio de compartilhar informações para um público sobre quaisquer limitações na divulgação delas [...]. O TLP pode ser usado em todas as formas de comunicação, escritas ou orais” (Enisa, 2005-2019).

²¹ Sigla para Pacific Union College (universidade localizada em Angwin, Califórnia).

²² A carta foi descoberta pela bibliotecária Katherine von Ardsale; James Wibberding e Michael Campbell confirmaram que se tratava de um hológrafo de Ellen G. White; Tim Poirier, vice-diretor do White Estate, confirmou a autenticidade da carta, mesmo na falta da assinatura de Ellen G. White (Graybill, 2019).

²³ De acordo com Neufeld e Mansell (1996, p. 503), o White Estate “é uma organização criada com base no próprio desejo e testamento de Ellen G. White, para atuar como seu agente na custódia de seus escritos, administrando suas propriedades, [...], ‘assegurando a impressão de novas traduções’ e ‘a impressão de compilações dos meus manuscritos’”.



ininteligível” em um texto fluente e inteligível, que é uma importante função da hermenêutica enquanto interpretação (Paganine, 2006, p. 2), lebramo-nos de nossa familiaridade com a autora da correspondência, com quem tivemos contato inúmeras vezes em tradução e até em seus escritos originais. Essa familiaridade com seu modo de escrever e pensamento nos encheu da confiança inicial de que necessitávamos. Além disto, o “incentivo social é determinante para o profissional de tradução” (Steiner, 2005, p. 318). Daí, a convicção de que estávamos fazendo uma tradução que seria útil para as pessoas. No nosso caso, além disto, a admiração por uma autora que foi umas das mulheres mais traduzidas de todos os tempos, confirmou nosso desejo de empreender a tarefa tradutória. Portanto, familiaridade, incentivo social, admiração e o desejo de contribuir, a vontade de dar tradução imediata a um achado histórico de monta, tudo isso nos deu a confiança inicial que Steiner recomenda para o Movimento Hermenêutico.

O contato mais íntimo que o profissional de tradução tem com um texto é invasivo e agressivo. Isso é necessário para que ele se aproprie do significado do original. Para Heidegger (*apud* Steiner, 2005, p. 318), a compreensão é um processo “inerentemente apropriador e, portanto, violento”. Para que a tradução de fato aconteça, o texto original precisa ser compreendido. “Quando se trata da compreensão de um texto do passado, o intérprete é obrigado ainda a se confrontar com uma outra visão de mundo, característica da época em que vivia o autor” (Paganine, 2006, p. 5). De acordo com Goodwin (2014, p. 31), na agressão há “um intenso trabalho de pesquisa da linguagem, contexto social, léxico, gramática e história” do texto original. Com base nessas informações, pesquisamos o contexto em que a carta inédita foi escrita e separamos trechos em que foram observadas características de “agressão” lexical e gramatical. Quanto à ocasião, White “escreveu em uma época em que enfrentou vários desafios significativos, inclusive o debate se seus ‘testemunhos’ para os membros da igreja poderiam ser corrigidos ou revisados” (Clair, 2019). Na carta inédita, a autora discorre sobre a importância dos testemunhos para a igreja, bem como sobre sua indignação com a descrença do povo, principalmente dos líderes da igreja, em relação à luz que Deus lhes teria revelado.

Para apreender o significado do original, foi necessário, além disso, compreender o léxico e as mudanças gramaticais presentes no texto de partida. Além dos aspectos gramaticais de concordância verbal e nominal, transitividade verbal,



alterações nas formas verbais e pronominais, e pontuação, alguns dos quais observados nas notas de rodapé, houve outras situações que mereceriam comentário. Um dos recursos, por exemplo, que White utilizou na carta foi a repetição. As expressões *testimony (ies)* (§ 1, 3, 4, 5, 7 e 8), *people* (§ 1, 2, 3, 5, 6, 7 e 8), *blessing* (§ 2), *light* (§ 2, 5, 6 e 7), *voice of God* (§ 3 e 5), *Spirit of God* (§ 3 e 8), *ministers* (§ 5, 6, 7 e 8), *hearts* (§ 1, 4 e 5), *value* (§ 2 e 4), entre outras, foram usadas de maneira reiterada pela autora, para enfatizar a importância dos testemunhos e, ao mesmo tempo, o descaso dos líderes e membros da igreja em relação a eles, bem como sua preocupação com as consequências dessa descrença.

Na agressão, um texto tem “sua sintaxe e imagem examinadas em detalhes, para que o tradutor receba não apenas a impressão que um leitor em geral receberia, mas entenda como essa impressão é alcançada” (Goodwin, 2014, p. 31). Com base nessa proposição, procuramos explorar os diversos aspectos presentes na carta, a fim de oferecer uma tradução que reproduzisse a mesma impressão do original.

Após a apreensão do significado do texto de partida, é necessário incorporá-lo no texto de chegada. Ao fazer a incorporação, o tradutor deve se basear nas seguintes perguntas: “Como o significado original encontra seu lugar na língua e na cultura receptoras? Como a forma deve ser recriada na língua de chegada?” (Kharmandar, 2018, p. 88). Para realizar essa tarefa, o profissional de tradução pode se ater a uma de duas perspectivas: “a tradução literal, centrada mais na forma”, e “a tradução livre, centrada mais no sentido (nas ideias ou conceitos)” (Souza, 1998, p. 52). Ao explorar o universo da carta inédita, observamos que há nela trechos que soariam “estranhos” na língua de chegada, caso traduzidos palavra por palavra. De qualquer forma, incorporamos na língua de chegada o estilo da autora. As mudanças e repetições que ocorreram na carta inédita “precisam ser refletidas na tradução, e isso não pode ser alcançado ‘palavra por palavra’” (Goodwin, 2014, p. 34); por isso, optamos, em alguns casos, por incorporá-las através da tradução livre.

Ao percorrer todos os movimentos anteriores, aplicando-os à tradução da carta inédita, percebemos como estão ligados. Sua aplicação causa certo desequilíbrio ao texto de chegada. Cabe, portanto, ao quarto movimento compensar esse desequilíbrio. “Compensação é um sinal de responsabilidade”; nela há “estratégias através das quais os méritos perdidos do texto original podem ser recuperados no texto de chegada” (Kharmandar, 2018, p. 88). De acordo com



Goodwin (2014, p. 34), “a tradução deve aumentar o prestígio do texto de partida, mas sem ofuscá-lo”. Portanto, o dever do tradutor é usar estratégias que expressem o mesmo estilo do original na tradução (Goodwin, 2014, p. 34). Os profissionais de tradução devem utilizar estratégias compensatórias que enriqueçam o texto traduzido sem fazer com que o original pareça pobre. “Nesse sentido, a tradução perfeita é aquela que nos deixa imaginando como o texto original expressa o pensamento que a tradução nos deu” (Goodwin, 2014, p. 34).

Na tradução da carta inédita, o desequilíbrio no sistema, causado pela apropriação e incorporação do significado do original, foi compensado quando utilizamos recursos da língua de chegada (português) que corresponderam ao da autora da carta. Conforme Amiri, Araghi e Farjami (2014, p. 44), outra forma de compensar o desequilíbrio é transmitir as ideias de um texto do passado “à nova geração [...] numa linguagem e gosto mais atual”. Os recursos utilizados na língua de chegada foram necessários para transmitir o conteúdo de uma carta do século 19, numa linguagem e contexto mais atual. Na compensação, o equilíbrio serve para “recuperar, na tradução, a energia original” (Kharmandar, 2018, p. 89). Para Steiner (*apud* Kharmandar, 2018, p. 89), “a ‘energia’ refere-se às especificações de um texto, como estilo, formato, retórica, significado e assim por diante”. O estilo é o “uso de palavras eficazes para envolver a mente humana” (Pinker, 2014, p. 9). Há diversos tipos de estilos, dos quais os mais comuns são o clássico, o prático e o simples. O estilo prático se refere à linguagem dos “memorandos, manuais, trabalhos acadêmicos e relatórios de pesquisa”. Quem escreve nesse estilo deve se basear “em um modelo fixo” e deve ser breve, “porque o leitor precisa das informações em tempo hábil”; já quem escreve no estilo clássico não necessita de um modelo fixo e pode usar o tempo necessário para “apresentar uma verdade interessante” (Pinker, 2014, p. 33). No estilo simples, “tudo está à vista” para o leitor, que não necessita de muito esforço para a compreensão. Em contraste, no estilo clássico, “o escritor trabalhou duro para encontrar algo que valesse a pena mostrar e a posição estratégica perfeita paravê-lo” (Pinker, 2014, p. 33). De acordo com Pinker (2014, p. 33 e 34),

O estilo clássico se sobrepõe aos estilos simples e prático. E todos os três diferem dos estilos autoconsciente, relativista, irônico ou pós-moderno, nos quais “a principal preocupação do escritor, se não



declarada, é escapar de ser condenada por ingenuidade filosófica com respeito a sua própria iniciativa”.

Conforme Pinker (2014, p. 34), “os diferentes estilos de prosa não são nitidamente demarcados, e muitos tipos de escrita combinam os diferentes estilos ou alternam entre eles”. Dentre todos esses estilos, o clássico “é um ideal” (Pinker, 2014, p. 34). O estilo da carta inédita é o profético, pois nele “o escritor tem o dom de poder ver coisas que ninguém mais pode” (Pinker, 2014, p. 33).

Sob a perspectiva de seu estilo profético, White via que os líderes e a igreja precisavam obedecer aos testemunhos, pois, caso contrário, haveria consequências graves. Sendo assim, para conservar a energia da carta, foi preciso preservar a linguagem religiosa de uma correspondência escrita no estilo profético.

CONCLUSÃO

Neste artigo, aplicamos o modelo de tradução do Movimento Hermenêutico, de Steiner, à tradução da carta de Ellen G. White, dirigida ao Sr. Corliss, que foi recentemente descoberta. Além disso, contextualizamos a correspondência e divulgamos o modelo de tradução do Movimento Hermenêutico. Por fim, comentamos partes selecionadas da carta às quais aplicamos os quatro movimentos do modelo de tradução de Steiner e discutimos brevemente aspectos pertinentes aos desafios tradutórios no domínio das especificidades de tal modelo de tradução. Utilizamos a tradução comentada como metodologia, que consistiu em uns poucos comentários em notas de rodapé, os quais destacaram questões pragmáticas e problemas específicos da carta inédita.

É inevitável que o tradutor se sinta desafiado diante de um conteúdo com uma linguagem antiquada, como, por exemplo, a carta inédita. No entanto, na confiança inicial, mostramos como a familiaridade com a autora da carta, a admiração por ela e o incentivo social nos motivaram a transformar o conteúdo original em um texto traduzido e inteligível para o leitor. Na agressão, retratamos como apreendemos o significado do original através de um contato íntimo com a carta inédita, ao pesquisar sobre o contexto em que foi escrita, seu conteúdo, bem como observar características lexicais e gramaticais presentes na mesma. Depois da apreensão do significado, demonstramos como a tradução livre foi essencial para incorporar o sentido do texto de partida no texto de chegada. No último movimento, constatamos



como as estratégias compensatórias equilibraram o sistema, deixando enriquecida a tradução da carta inédita.

No que se refere ao universo da carta inédita, nossa análise apresenta limitações devido ao tamanho reduzido da carta e ao fato de estar possivelmente fragmentada, ou seja, sem uma conclusão. Além disso, há ainda pouca informação disponível para uma análise mais profunda, pois a carta foi uma descoberta recente.

REFERÊNCIAS

- AMIRI, Z.; ARAGHI, S. M.; FARJAMI, F. Applicability of Steiner hermeneutic motion in Coleman Barks' translation of Rumi. *International Journal of Language and Linguistics*, v. 2, n. 3, p. 42-45, 2014. Disponível em: [10.11648/j.ijll.s.2014020301.15](https://doi.org/10.11648/j.ijll.s.2014020301.15). Acesso em: 19 nov. 2019.
- ANDROSS, M. E. *Story of the Advent message*. Washington, D. C.: Review and Herald, 1926. Disponível em: <http://documents.adventistarchives.org/Books/SOTAM1926.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- BATTYE, W. E. Fulfilment of a vision. *The Australasian Record*, Australia, v. 64, n. 27, p. 1, 1960. Disponível em: <http://documents.adventistarchives.org/Periodicals/AAR/AAR19600704-V64-27.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2019.
- CARVALHO, H. Da topologia à tipologia de culturas: uma proposta de definição de tipos. *Actas dos Ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia*, p. 7-15, 2004. Disponível em: https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR4628fdaf27119_1.pdf. Acesso em: 12 jun. 2019.
- CLAIR, B. S. Ellen White letter discovered at Pacific Union College; experts confirm authenticity. *Pacific Union College*, 6 fev. 2019. Disponível em: <https://www.puc.edu/news/archives/2019/ellen-white-letter-discovered-at-pacific-union-college-experts-confirmed-authenticity>. Acesso em: 8 abr. 2019.
- DANZIATO, L. As dimensões do corpo e a topologia cultural. *Aletheia*, v. 29, p. 129-141, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n29/n29a11.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2019.
- DEPARTMENT OF EDUCATION. *The story of our church*. Mountain View, CA: Pacific Press, 1956. Disponível em: <http://documents.adventistarchives.org/Books/TSOOC1956.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2019.
- DOUGLASS, H. E. *Mensageira do Senhor*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.
- ENISA, The European Union Agency for Cybersecurity. *Considerations on the traffic light protocol*, 2005-2019. Disponível em:



<https://www.ensia.europa.eu/topics/csirts-in-europe/glossary/considerations-on-the-traffic-light-protocol>. Acesso em: 12 nov. 2019.

GENERAL CONFERENCE OF SEVENTH-DAY ADVENTISTS. Seventh-Day Adventist yearbook for 1887. Battle Creek, MI: Review & Herald, 1887. Disponível em: <https://documents.adventistarchives.org/Yearbooks/YB1887.pdf>. Acesso em: 23 set. 2025.

GOODWIN, P. Ethical problems in translation: why we might need Steiner after all. *The Translator*, v. 16, n. 1, p. 19-42, 2010.

GRAYBILL, R. D. Newly authenticated Ellen G. White letter at Pacific Union College. *Adventist Today*, 22 fev. 2019. Disponível em: <https://atoday.org/newly-authenticated-ellen-g-white-letter-at-pacific-union-college/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

KHARMANDAR, M. A. A hermeneutic critique on George Steiner's Hermeneutic Motion in translation. *Crossroads: A Journal of English Studies*, v. 20, n. 1, p. 83-98, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15290/cr.2018.20.1.05>. Acesso em: 18 nov. 2019.

KNIGHT, G. R. *Meeting Ellen White*: a fresh look at her life, writings, and major themes. Hagerstown: Review & Herald, 1996.

LAFONTANT, J. E.; CURTIS, L. N. (org.). *Guide to the John Orr Corliss collection*. 2017. Disponível em: <https://cdm.llu.edu/digital/collection/findaids/id/1285>. Acesso em: 10 out. 2019.

LAKE, J. *Ellen white under fire*: identifying the mistakes of her critics. Nampa, ID: Pacific Press, 2010.

MENDES, M. R. B. A importância da epistolografia nos projetos estéticos dos anos de 1900. *Verbo de Minas*, v. 13, n. 22. p. 5-15, 2012. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/verboDeMinas/article/view/411>. Acesso em: 10 maio 2019.

MORAES, M. A. Epistolografia e crítica genética. *Ciência e Cultura*, v. 59, n. 1, p. 30-32, 2007. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000100015. Acesso em: 10 maio 2019.

MUNDAY, J. *Introducing translation studies*: theories and applications. New York: Routledge, 2001.

NEUFELD, D. F.; MANSELL, D. E. (ed.). *Seventh-day Adventist encyclopedia*. Hagerstown, MD: Review & Herald, 1996. (Commentary Reference Series, v. 10).

NIDA, E. A. *Toward a science of translating with special reference to principles and procedures involved in Bible translating*. Leiden: Brill, 1964.

NIDA, E. A.; TABER, C. R. *The theory and practice of translation*. Leiden: Brill, 1969. (The Theory and Practice of Translation, v. 8).



NORD, C. **Text analysis in translation: theory, methodology and didactic application of a model for translation-oriented text analysis.** 2. ed. Amsterdam: Rodopi, 2005.

OLSEN, M. E. **A history of the origin and progress of Seventh-day Adventists.** 2. ed. Washington D. C.: Review & Herald, 1926. Disponível em: <http://documents.adventistarchives.org/Books/OP1926.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2019.

PAGANINE, C. Tradução e interpretação: uma perspectiva hermenêutica. **Scientia Traductionis**, n. 3, p. 1-9, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/12945>. Acesso em: 4 nov. 2019.

PINKER, S. **The sense of style: the thinking person's guide to writing in the 21st.** New York: Viking, 2014. Disponível em: <https://it.b-ok2.org/book/2640112/1420c8>. Acesso em: 20 nov. 2019.

RELVÃO, A. M. L. **Do outro lado, do lado do outro:** tradução comentada de três capítulos da obra *Textos literarios y contextos escolares: la escuela en la literatura y la literatura en la escuela*, de Carlos Lomas (org). 2010. Dissertação (Mestrado em Tradução) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/15091>. Acesso em: 24 set. 2025.

RUEDELL, A. **Da representação ao sentido:** através de Schleiermacher à hermenêutica atual. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. (Coleção Filosofia, 119).

SCHAEFER, R. A. **Legacy, daring to care: the heritage of Loma Linda.** Loma Linda: Legacy, 1990.

SCHMIDT, L. K. **Hermenêutica.** Petrópolis: Vozes, 2012.

SCHWARZ, R. W.; GREENLEAF, F. **Portadores de luz: historia de La Iglesia Adventista del Séptimo Día.** Miami, FL: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2012.

SILVEIRA, D. Carta de EGW é descoberta: autenticidade confirmada. **Congresso Missionários Voluntários**, 1 mar. 2019. Disponível em: <http://www.congressomv.org/carta-de-egw-e-descoberta-autenticidade-confirmada/>. Acesso em: 21 out. 2019.

SOUZA, J. P. Teorias da tradução: uma visão integrada. **Revista de Letras**, v. 1, n. 20, p. 51-67, 1998. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl20Art09.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2019.

SPALDING, A. W. **Captains of the host: first volume of a history of Seventh-day Adventists covering the years 1845-1900.** Washington, D.C.: Review & Herald, 1949. Disponível em: <http://documents.adventistarchives.org/Books/CH1949.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2019.



SPICER, W. A. Porque um bispo católico favoreceu a nossa Igreja. **Revista Adventista**, ano 36, n. 12, p. 7, 1941. Disponível em: <http://acervo.revistaadventista.com.br/cpbreader.cpb?ed=1056&s=591018219>. Acesso em: 17 jul. 2019.

STEINER, G. **Depois de Babel**: questões de linguagem e tradução. 3. ed. Curitiba: UFPR, 2005.

TORRES, M. L. Gêneros literários: carta. In: BRAGA, T. (org.). **Livro de experiências – oitavo ano**. São Paulo: Via Lúdica, 2023. p. 114-119.

WHITE, A. L. **The Australian years: 1891-1900**. Washington, D. C.: Review & Herald, 1983. v. 4.